

Requalificação do espaço urbano da Vila Olímpia: percepções da hospitalidade

Luciana Lagares Gonzalez¹
Airton José Cavenaghi²

Resumo: Este artigo busca compreender a alteração urbana do bairro da Vila Olímpia em São Paulo, entre os anos de 2000 e 2010. Estas transformações serão observadas, principalmente, pela compreensão da visão dos moradores estabelecidos a mais de quinze anos na região. Estas mudanças do bairro, a princípio, considerado periferia da cidade, são observadas, quando o local deixou de ser um espaço restrito de residências, para absorver uma nova identidade urbana a revelia de seus antigos moradores. O bairro passou a ser um importante local para a construção de grandes e imponentes edifícios empresariais, alterando assim, não somente a imagem de suas edificações, mas, também o cotidiano dos moradores e novos usuários deste espaço. Estas alterações urbanas aqui descritas serão analisadas aos olhos da hospitalidade. Esta hospitalidade urbana deve estar presente ao se definir as alterações de um espaço de uso comum, como um bairro, levando em consideração os impactos gerados ao longo e após uma grande transformação neste local. A hospitalidade urbana aqui descrita aborda ainda, a identidade que é estabelecida com os moradores e usuários deste bairro além de buscar compreender como este indivíduo passa a se sentir neste espaço transformado.

Palavras-chave: Hospitalidade. Espaço Urbano. Vila Olímpia. São Paulo.

¹ Este artigo faz parte da Dissertação em desenvolvimento no Mestrado em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi. UAM-SP. Contato: luciana-lagares@hotmail.com

² Doutor em História Social; Professor Titular do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. UAM-SP. Contato: acavenaghi@gmail.com

Introdução

Este artigo aborda as percepções da hospitalidade no crescimento urbano do bairro da Vila Olímpia na cidade de São Paulo, entre os anos de 2000 e 2010. Nesta etapa, a pesquisa, de caráter exploratório, elabora o referencial bibliográfico e documental, para direcionar a futura análise destas transformações urbanas pelo olhar da hospitalidade. Além disso, apresenta a metodologia de pesquisa a ser realizada, com aplicação de entrevistas semi-estruturadas, com moradores do Bairro a mais de quinze anos, visando à busca pela percepção dos mesmos antes e durante as transformações ocorridas no recorte temporal já mencionado. Esta análise também será realizada pela comparação de imagens fotográficas do bairro realizadas antes de 2000 e após 2010, de maneira a ilustrar as transformações urbanas ocorridas.

No recorte temporal proposto, percebe-se a mutação da tradição residencial do bairro para a sua ressignificação como local de importância socioeconômica para a cidade. De antigo local familiar, na periferia da metrópole em crescimento, passa a absorver novos valores não construídos de maneira natural, pela memória coletiva local. Esta ressignificação consegue carregar os elementos da hospitalidade inicial? Ao buscar informações a respeito do bairro da Vila Olímpia, foi possível verificar que o referencial teórico acadêmico é escasso, porém de importância para a percepção da Cidade e também para os usuários e moradores do Bairro que sofreram grande transformação no seu cotidiano e não possuem registro amplo desta transformação. O que existe está na memória de antigos moradores e trabalhadores do Bairro, sendo assim, as análises bibliográficas e entrevistas a serem realizadas poderão responder este questionamento.

Toda cidade vive em constante mudança, não é, de maneira alguma um organismo estático. Grandes metrópoles experimentam as mudanças mais intensamente e em um ritmo frenético em comparação com pequenas cidades. São as metrópoles que acabam por confundir o significado de cidade, pois se sobrepõem ao campo. Estes locais possuem um centro, periferias, distritos industriais e vias expressas, e desta forma podem ser denominados cidades (ROLNIK, 2012).

São Paulo: cidade

Em uma grande metrópole como São Paulo é possível perceber também que as grandes mudanças urbanas ocorrem rapidamente, pois da mesma maneira que os antigos casarões da Avenida Paulista não mais existem, dando espaço para os luxuosos edifícios empresariais, no restante da Cidade alterações urbanas são corriqueiras.

Na década de 50 do século XX foi solicitado ao Padre Louis Joseph-Lebret um estudo a respeito da Cidade de São Paulo. Este estudo resultou na Sagramacs (Sociedade para a Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais) que diagnosticou o crescimento da Cidade como caótico e anárquico, existindo em função de interesses políticos, das classes sociais/ empresariais dominantes e excluindo as classes populares para as periferias (FRÚGOLI Jr, 2000).

A marcha paulistana é cruel. Da mesma forma como ocupa, a cidade as abandona e deixa áreas inteiras se deteriorando, estragadas e esquecidas, até mesmo quando foram suas partes nobres, como os Campos Elíseos e os Centros Velho e Novo. (MENDONÇA A. P., 2003, p. 29).

Esse tipo de alteração do espaço urbano na Cidade de São Paulo pode ser verificado em diversos bairros, como a região do Jardim Anália Franco, na zona Leste, ou ainda, a Granja Julieta, com sua Nova Granja Julieta, na região de Santo Amaro, ou a Vila Olímpia, também na zona Sul da Cidade, que passou de um bairro residencial para um dos mais importantes bairros da Cidade, com seus grandes e luxuosos edifícios empresariais e residenciais, oferta gastronômica, agências bancárias, *shopping center* e grandes universidades. É essa alteração do espaço urbano, neste bairro, aos olhos da Hospitalidade (Montandon, 2004 e Lashley, 2004) o objeto deste artigo.

O crescimento urbano da Vila Olímpia

O início da alteração do bairro da Vila Olímpia se dá, timidamente, em meados de 1907, quando o poder público disponibilizou, para um investidor internacional (Light), o acesso a exploração e reversão do Rio Pinheiros com o represamento do Rio Guarapiranga, visando oferecer água ao Rio Tietê na época de estiagem, possibilitando assim, a manutenção da distribuição de energia nas usinas da Barragem de Parnaíba, pois o Rio Pinheiros é tributário do Rio Tietê e o Rio Guarapiranga, formador do Rio Pinheiros (Seabra, 1987).

Para facilitar as obras no Rio Guarapiranga, a empresa Light, estendeu os trilhos de bondes até, o então município, de Santo Amaro o que levou a toda esta extensão o início da urbanização (SEABRA, 1987).

A Cidade, com a baixa dos negócios relacionados a cafeicultura, buscava desenvolver a indústria e, para tanto, foi preciso disponibilizar na Cidade condições para abrigar os trabalhadores chegados do campo, com transporte coletivo, acesso a energia elétrica, água e gás encanados, além de serviços que influenciaram diretamente o desenvolvimento social, como bancos, que disponibilizam crédito necessário para o desenvolvimento dos empreendimentos previstos.

Ao mesmo tempo a iniciativa privada focava o crescimento do comércio de terras, criando bairros operários, industriais e de classe alta.

Na década de 20 do século XX, a Lei 2249, permite à empresa Light a desapropriação de terrenos na várzea do Rio Pinheiros, além do alargamento do Rio e outras intervenções que a empresa julgasse necessárias. Entretanto, somente em 1937 é demarcada a região total na qual a empresa poderia interferir e é então, a partir de 1937 que iniciaram as desapropriações e compras de terrenos em toda a várzea do Rio Pinheiros (SEABRA, 1987).

Desde o início das atividades da empresa Light em São Paulo, com o objetivo de fornecer energia elétrica e transporte coletivo, até a década de 40 do século XX, todo o investimento empregado para a realização das obras acarretou em valorização das terras no entorno dos Rios Pinheiros e Tietê o que não era de conhecimento dos proprietários destes terrenos.

Após décadas de desavenças com os proprietários das terras da várzea do Rio Pinheiros, a Light passou, na mesma década de 40, a realizar negociações que favoreciam ambos os interessados (SEABRA, 1987).

Porém, com os constantes alagamentos e a possibilidade de grandes áreas para a instalação de empresas, na década de 70 do século XX, na parte baixa (entre a hoje Marginal do Rio Pinheiros e Rua Alvorada) foram instalados grandes galpões com empresas como a Phebo e a Gelato. Já na parte mais próxima a Avenida Santo Amaro os terrenos loteados deram espaço a pequenas construções residenciais. (Vila Olímpia, 2012).

Até 1988 a região da Vila Olímpia, era predominantemente composta por pequenas casas e grandes galpões, havia no Bairro, somente quatro edifícios. Porém, com a canalização do córrego

Sapateiro, a construção do Boulevard Sul que uniu a Avenida Faria Lima à Avenida Eng. Luiz Carlos Berrini e a proximidade ao Aeroporto de Congonhas contribuíram para uma nova valorização imobiliária do Bairro. (Urbansystems, 2012).

A partir da década de 90 do século XX, segundo Pessoa (2010), com a aprovação e execução do Projeto Operação Urbana Faria Lima e Água Espraiada, que visava retirada dos ocupantes da favela do Jardim Edith na Avenida Água Espraiada e outras duas na Avenida Eng. Luis Carlos Berrini, a canalização do rio Água Espraiada, alargamento subterrâneo dos rios Uberaba e Uberabinha, a extensão da Avenida Faria Lima e antiga Água Espraiada e revitalização do entorno com espaços públicos de lazer e esportes, que se pôde verificar a forte alteração do espaço urbano da região que compreende também o bairro da Vila Olímpia e que contou com os investimentos públicos e privados como cita FRÚGOLI JR. (2000), ao analisar, em seu estudo, a região da Avenida Eng. Luis Carlos Berrini.

Finalizando as incorporações que ampliaram o acesso a região, no ano de 2001 foi inaugurada, a estação de trem da CPTM, que leva o nome de Vila Olímpia, assim como o bairro. (CPTM, 2012).

A partir do ano 2002 com a criação do Movimento Colmeia, composto por representantes de empresas instaladas no bairro da Vila Olímpia, moradores e poder público, que propôs a reurbanização e revitalização do bairro o crescimento vertical tornou-se uma constante, com a construção de diversos prédios comerciais de alta tecnologia, como o E-Tower na Rua Funchal e hotéis como o Caesar Park, na Rua das Olimpíadas. (Projeto Colmeia, 2012).

A região do Bairro da Vila Olímpia torna-se um espaço bastante significativo para compreender o processo de ressignificação de uma metrópole, pois ainda abriga na memória de seus antigos moradores, elementos fundamentais para a compreensão de seu processo formativo inicial, e o resgate destas informações ajudam a compreender elementos significativos de seus aspectos contemporâneos.

Hospitalidade Urbana

A hospitalidade em uma definição analítico-operacional, segundo CAMARGO (2004, p.52):

[...] pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural.

A hospitalidade, no setor público, ainda segundo CAMARGO (2004, pp. 56-59-62-64) engloba o “receber público”, a “hospedagem pública”, o “alimentar público” e o “entretar público”.

Essas quatro vertentes referem-se às questões urbanas, em como é possível se localizar em uma cidade, por exemplo, o quão fácil e conseqüentemente hospitaleiro é ou, o quão complicado e desinformado pode ser. Da mesma maneira a educação receptiva ou não dos moradores deste local fazem parte deste receber.

A outra vertente é a hospedagem pública, que vai além da hospitalidade hoteleira, é também a informação a respeito da cidade, o terminal de ônibus, o aeroporto. Já o alimentar público está diretamente relacionado à gastronomia disponibilizada, o que cria uma identidade com a cidade e até mesmo com um bairro, como é possível verificar em São Paulo o bairro do Bixiga com sua culinária italiana, ou ainda o bairro da Liberdade com sua culinária japonesa. Por fim, o entretar público refere-se aos equipamentos urbanos³ de lazer e de eventos como parques públicos, campos de futebol, museus, locais adequados para apresentações de música, dentre outros, que estão mais voltados para a população residente do que para os turistas.

O nível ou a existência da Hospitalidade em uma cidade pode ser analisado a partir de três dimensões fundamentais, segundo GRINOVER (2007): a acessibilidade, a legibilidade e a identidade, com base nas medidas temporais e geográficas que proporcionam a compreensão desta cidade. A análise dessas categorias proporciona a compreensão da relação entre hóspedes (turistas, emigrantes, transeuntes de passagem) e anfitriões (moradores, comerciantes, poder público) que estão inseridos neste espaço.

Ao chegar a uma cidade o forasteiro depara-se com um grande número de novas informações, buscando assim, a compreensão daquele local e daqueles habitantes.

³ Equipamentos urbanos são, segundo a norma brasileira NBR 9284, todos os bens públicos ou privados de utilidade pública, destinados à prestação de serviço para garantir o funcionamento da cidade. Como exemplo: abastecimento de água, energia elétrica, serviços de captação de esgotos, parques, praças, etc.

Com base nessas informações e a partir de experiências pessoais ocorre a adaptação ou não deste hóspede a esta cidade.

Cabe aos anfitriões, públicos e privados a capacidade de acolher, oferecendo meios de transportes, informações de fácil compreensão a quem não resida no local e acesso a serviços e equipamentos. Lembrando que, ainda segundo Grinover (2007), “acolher” é uma das leis superiores da humanidade, é permitir a inclusão do outro no próprio espaço. Um hóspede que consiga, sem problemas, se locomover por uma cidade, encontrar o que busca, se sente acolhido e bem tratado, e a ordenação urbanística de uma cidade pode influenciar muito a acolhida ou não a um hóspede.

Em uma grande metrópole, como São Paulo, os bairros, muitas vezes, são considerados pequenas cidades, pois carregam particularidades distintas uns dos outros, possuem todos os recursos necessários para sua subsistência e alguns possuem subprefeituras. Da mesma maneira que GRINOVER (2007) retrata as questões da hospitalidade com base nos limites da cidade, nos bairros de São Paulo, pode-se utilizar o mesmo conceito.

A acessibilidade em um bairro, por exemplo, pode ser analisada da mesma maneira que a acessibilidade em uma cidade, até porque o bairro faz parte do todo que é a cidade.

Essa acessibilidade deve ser definida com base em questões não somente geográficas, mas também socioeconômicas e a capacidade de cada equipamento urbano a ser utilizado.

No conceito tangível de acessibilidade já está muito definida a questão de transporte, infraestrutura, localizações de espaços para atividades ou serviços. Entretanto, no âmbito da cidadania é importante a garantia de acesso à cidade, sendo estas questões como água potável, esgoto, drenagem de água da chuva, transportes públicos de qualidade, educação, acesso a serviços de saúde, lazer, trabalho.

A essência da cidade é a aproximação de seus habitantes por meio de acesso a cultura, lazer, interação social, o que define os espaços urbanos como públicos e acessíveis.

Já a legibilidade de um bairro pode não ser tão facilmente definida, como em uma pequena cidade interiorana, pois existe a influência do todo (da metrópole).

Por legibilidade entende-se a qualidade visual de uma cidade, de um território, examinada por meio de estudos da imagem mental que dela fazem, antes de qualquer outro, os seus habitantes. (GRINOVER, 2007, p. 144).

A análise da legibilidade pretende indicar a facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas de uma maneira coerente, isso inclui a cultura daquela população.

A cidade é o lugar do olhar. Olhar esse que significa olhar e ser olhado. A comunicação urbana é vista de uma maneira antropológica, porque o interpretar a diferença engloba a maneira de pensar, agir e sentir de uma população urbana.

A terceira dimensão sugerida por GRINOVER (2007) é a identidade que é formada ao longo do tempo e é sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo reformada.

Afirma ainda, existir uma opção maior pelo local que pelo global, o que demonstra o oposto a globalização. Isso gera uma discussão a respeito destas novas identidades, não somente locais, não somente globais, mas uma mistura destes dois modos de identidade, o que seria o mais coerente, viver localmente sem excluir o todo. Tendo como referência a cultura, as tradições, a história e a política. Alguns estudiosos, como Robin (1991), acreditam ser impossível voltar a viver o local, pois a partir das influências globais não é mais possível retornar ao “puro”.

O homem traduzido é aquele que foi arrancado de seu lugar natal. Essas pessoas têm forte vínculo com suas origens, suas tradições, mas sem a ilusão de retornar ao passado. Elas precisam negociar com esta nova realidade, novas culturas, novas tradições, sem abandonar as suas. Sendo assim, essas pessoas que pertencem a dois mundos são “pessoas traduzidas”, que passam a fazer parte deste novo lugar e assim, devem ser incorporadas ao meio (Grinover, 2007).

Nos últimos anos as grandes cidades estão sofrendo transformações tão grandes e radicais que, nem mesmo os próprios habitantes se reconhecem nelas. Então, como tornar esta cidade hospitaleira ao forasteiro?

Reformas e revitalizações físicas é apenas um ponto a ser discutido. As reformas sociais, culturais, a inclusão das artes locais, tradições, culinária, pessoas trabalhando, sendo úteis e a permanência da história é essencial. A identidade é móvel, está sempre em transformação, porém sem esquecer suas origens, ou seja, “A única possibilidade de construir a hospitalidade pressupõe a capacidade de conhecer a cidade como ela é, sobretudo, de reconhecê-la como realidade.” (GRINOVER, 2007, p. 153). Esta afirmação pode ser transferida para um bairro que vive este

processo de transformação tão fortemente e em um espaço de tempo curto, se analisar o tempo de existência do mesmo.

O Bairro da Vila Olímpia e a Hospitalidade Urbana: exposição do método de pesquisa

Como relatado, a transformação urbana de um local deve estar associada à hospitalidade urbana, visando acesso adequado às suas ruas, edifícios, espaços públicos, comércio, informações tanto para visitantes como para seus moradores ou usuários. Igualmente a identificação das partes deste local, como maneira de compreendê-lo é essencial para o indivíduo se sentir parte e assim, alcançar a legibilidade que é a maneira como o indivíduo percebe este espaço.

O Bairro da Vila Olímpia sofreu uma lenta transformação urbana até o final da década de 80 do século XX e a partir do ano 2000 essa transformação mostrou-se acelerada e radical. Então, como foi percebida, neste recorte de tempo, a hospitalidade urbana ou falta desta, por seus moradores e usuários?

Para buscar a resposta a este questionamento de pesquisa e estruturar os elementos da análise em andamento, busca-se, além da recuperação do manancial teórico relacionado a questão da hospitalidade urbana, informações documentais e históricas relacionadas ao desenvolvimento do bairro. Caminha-se, assim, para a realização de uma pesquisa com moradores e usuários do Bairro a pelo menos quinze anos, utilizando um questionário semi-estruturado e imagens dos espaços formadores deste Bairro.

A partir destas informações organizadas, será realizada a análise, associando o referencial teórico e informações documentais, com as percepções dos moradores e usuários, juntamente com as imagens pesquisadas e captadas.

Para início da coleta documental de campo, selecionou-se um recorte espacial que foi definido entre: Rua Doutor Cardoso de Melo, Avenida Santo Amaro, Rua Quatá, Rua das Olimpíadas e Alameda Vicente Pinzón.

As ruas selecionadas apresentam, por observação in loco inicial, uma série de novas edificações estruturadas para acomodar novos habitantes para a região. Ocupam espaços onde

antes havia pequenos núcleos familiares responsáveis pela formação histórica inicial da região e a análise das modificações ocorridas neste espaço, podem indicar tendências gerais para a compreensão do desenvolvimento do bairro.

Para a análise e interpretação das características de percepção das modificações do bairro selecionaram-se categorias de análise inicial para expor as propostas analíticas desta pesquisa:

- a) Percepção visual do espaço cotidiano: também chamado de paisagismo cênico, procurar interpretar a memória do habitante relacionando-a as lembranças existentes da paisagem local, antes das modificações estruturais desenvolvidas;
- b) Vivência cotidiana: procura recuperar as relações pessoais cotidianas (conhecimento dos habitantes do bairro e de suas vidas familiares e círculos de amizade);
- c) Redes sociais: inserção em locais nos quais os moradores do bairro são os elementos fundamentais da memória formativa local.

As três categorias de análise propostas pretendem justificar e expor a compreensão do habitante com o espaço cotidiano vivenciado e assim localizar, de forma pontual, as manifestações da hospitalidade urbana em um espaço de transformações estruturais significativas.

Conclusões Parciais

Compreender o desenvolvimento de uma metrópole pela análise das memórias de seus habitantes é registrar o passado, o presente e criar possibilidades para o futuro deste espaço. É ainda, aprender com os erros e acertos, visando um processo de desenvolvimento mais igualitário e abrangente.

Neste artigo focou-se a Hospitalidade Urbana para associar ao crescimento frenético e amplo de um bairro da cidade, entretanto, todo o referencial abordado pode ser analisado em outros recortes espaciais, tendo sempre como ponto central a liberdade de ir e vir do cidadão. Como esta liberdade é disponibilizada pelo poder público e por habitantes do local, como é possível se ver neste espaço e ainda, como é possível se identificar com este espaço. Estas análises podem auxiliar a compreensão de toda uma geração de moradores em relação ao urbanismo proposto pela modernidade.

Com a análise do crescimento do bairro da Vila Olímpia, em São Paulo, será possível, ao final da dissertação em elaboração, criar registros e mantê-los disponíveis aos interessados em pesquisar a respeito do desenvolvimento urbano da Cidade. Bem como analisa-los aos olhos da Hospitalidade.

Referências Bibliográficas

- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e Eleição Intersubjetiva: Sobre o Espírito que Guarda os Lugares. Porto: Revista Hospitalidade, 5(2), 5-14.
- Bosi, E. (1994). Memória e Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras.
- Camargo, L. O. L. (2004). Hospitalidade. São Paulo: Aleph.
- Campos, C. M. (2002). Os rumos da cidade: Urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora Senac.
- Chimirra, V. (2010). A imagem do centro: Hospitalidade e Arquitetura na cidade de São Paulo. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.
- Ferrara, L. D. F. (1993). Olhar Periférico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Frúgoli Jr., H. (2000). Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo.
- Grinover, L. (2007). A hospitalidade, a cidade e o turismo. São Paulo: Aleph.
- Lashley, C & Morrison, A. (2004). Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole.
- Lopes, H. Q. F. & Toledo, V. L. V. (1988). Série Histórias dos Bairros de São Paulo – Volume 26 – Itaim Bibi. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo.
- Mendonça, A. P. (2003). A cidade em Movimento. São Paulo: Book Mix.
- Montandon, A. (2004). O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac.
- Moya, I. M.S. (2008). Imagens da Hospitalidade: ideologia e encontro. Um olhar sociológico. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História 10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, 10, 7-28.
- Robin, K. (1991). Tradition and translation: national culture in its global context. In: Corner, J. & Harvey, S. (Orgs). Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture. Londres: Routledge.
- Rolnik, R. (2012). O que é cidade. (4ª ed) São Paulo: Brasiliense.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Seabra, O. C. L. (1987). Os meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros – Valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia.

Silva, J. T. (1984). São Paulo (1554-1880): discurso ideológico e organização espacial. São Paulo: Moderna.

Referências Eletrônicas

A nova Vila Olímpia (2012). Disponível em: <http://www.buenonetto.com.br/a-bueno-netto>. Acesso em: 13/05/2012.

CPTM (2012). Disponível em:

http://www.cptm.sp.gov.br/E_REDECPTM/REDE/esquema_estacao.asp?menu=9. Acesso em 16/05/2012.

Histórico de alguns bairros. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pinheiros/historico/index.php?p=472>. Acesso em 15/05/2012.

Pessoa, L. C. R. & Bógus, L. M. M. Valorização imobiliária e renovação urbana: o caso das operações urbanas consorciadas Faria Lima e Água Espraiada. Disponível em:

www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br/laura_final.pdf. Acesso em 04/05/2012.

Projeto Colmeia (2012). Disponível em:

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=519391>. Acesso em: 14/05/2012

Sávio, V. B. C. (2004). Enclaves globais: o caso da Vila Olímpia. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/05.049/2002>. Acesso em: 04/05/2012.

Vila Olímpia (2012). Disponível em:

<http://www.bairrovilaoлимпia.com.br/htmHISTORIA/HISTORIA.htm>. Acesso em: 04/05/2012.

Vila Olímpia em constante transformação. (2012). Disponível em:

<http://www.urbansystems.com.br/noticias/ler/vila-olimpia-em-constante-transformacao>. Acesso em: 14/05/2012.